

MEMORIAS DOS APOSENTADOS

IVAN ELIAS DA SILVA

1) Por que escolheu ser promotor.

Assistindo a um filme, cujo nome não lembro, em que o Promotor era muito atuante e combativo, entendi naquele momento que seria Promotor de Justiça. Foi tão marcante a impressão deixada pelo filme, que a partir daquele dia, me coloquei como meta alcançar aquele objetivo. Fiz, então, o antigo colegial, pelo curso de madureza do colégio Anglo Latino. A partir de então persegui com afinco aquela meta, e ainda na Polícia Militar, como 3º Sargento, os Oficiais já me chamavam, em tom de blague, de Dr. Promotor.

2) Como foi o concurso, qual o número do mesmo.

O concurso foi difícil e durante seu transcurso, já era Delegado de Polícia, recém-nomeado, exercendo o cargo como plantonista, circunstância que me impedia de fazer curso preparatório, razão pela qual estudei sozinho, em casa. O meu concurso foi o de número 54.

3) Como foi a primeira experiência como substituto.

No início, na Circunscrição Judiciária de Jundiaí, foi difícil, porque comecei a trabalhar no cível, matéria da qual praticamente nada conhecia. Posteriormente, e a despeito do volume excessivo de trabalho, na Comarca de Franco da Rocha, atuei na área criminal, o que facilitou o exercício da profissão.

4) Qual foi a primeira comarca.

Nuporanga, próxima a Ribeirão Preto e Orlândia.

5) Como foi a experiência na comarca e relate as outras (acumuladas também).

A comarca de Nuporanga, pequena estação climática, praticamente não tinha processos em tramitação e por alguns meses acumulei a Comarca de Cravinhos, pegada à de Ribeirão Preto.

6) Quais as dificuldades para se trabalhar na época (telefone, transporte, situação dos fóruns).

Como Promotor Substituto, na comarca de Franco da Rocha, as dificuldades principais se resumiam em acumular as duas Promotorias existentes (era o único Promotor) e era comum nem bem terminada audiência em uma Vara, a escrevente, já estar esperando minha presença para prosseguir com outra, em andamento. O transporte era em carro próprio e, quanto às demais dificuldades (telefone, situação dos fóruns), eram as próprias daquela ocasião: inexistência de Oficiais ou Técnicos de Promotoria, ou qualquer outro funcionário, que auxiliasse o Promotor na parte burocrática.

7) Como foram as passagens para as entrâncias (promoções e remoções).

As promoções foram rápidas. Não tivesse me mantido por alguns meses na Comarca de Nuporanga, de 1ª Entrância, e teria sido promovido mais rapidamente. A promoção para a 2ª entrância foi para a Comarca de Cotia, na grande São Paulo, onde o volume de serviço era insignificante. Permaneci poucos meses nessa Comarca, sendo promovido, a seguir, para a comarca de Guarulhos, de 3ª entrância, também na grande São Paulo. Nesta comarca o volume de serviço era invencível e recebi acervo de mais de quinhentos inquéritos. Tendo assumido a comarca no mês de maio de 1984, em dezembro fui removido para a Capital, atuando na Equipe de Estelionatos, recentemente criada. Deixei a Promotoria de Guarulhos praticamente zerada quanto aos feitos recebidos.

Estando na Comarca da Capital, fui promovido logo em seguida, para o cargo de 17º Promotor de Justiça Criminal da Capital, atuando também na área criminal.

8) Quais eram o procurador-geral e o corregedor-geral da época.

Não saberia dizer os Procuradores e Corregedores Gerais de cada entrância pela qual passei, mas, durante minha vida funcional, foram os seguintes:

Procuradores Gerais: João Severino de Oliveira Peres, Paulo Salvador Frontini, Cláudio Ferraz de Alvarenga, Antônio Araldo Ferraz Dal Pozzo, José Emmanuel Burle Filho, e Luiz Antônio Guimarães Marrey.

Corregedores Gerais: Sílvio Barros de Almeida, Iray Baptista de Abreu, Optaciano Capistrano da Silva, Luiz Carlos Galvão de Barros,

José Guarino Marcos Garcia, Luiz César Gama Pellegrini, Herberto Magalhães da Silveira Júnior e José Ricardo Peirão Rodrigues.

9) Qual era o cenário político da época (se quiser descrevê-lo).

Época de restauração da democracia, sobrevivendo a Constituinte de 1.988, ocasião em que, com a movimentação vigorosa de colegas de classe, em especial dos de São Paulo, o Ministério Público adquiriu sua feição constitucional, transformando-se na instituição respeitada que é.

10) Se atuou no Tribunal do Júri, conte-nos a sua experiência. Outrossim, fale nos dela na área criminal, em geral, e na cível.

Nunca atuei no Tribunal do Júri. Quanto à atuação na área criminal, já a abordei acima. À exceção da fase de Substituto, nunca mais atuei na área cível.

11) Se foi PGJ, Corregedor, Conselheiro, membro do Órgão Especial ou da Comissão de Concurso, conte-nos a sua experiência.

Só fui membro do Órgão Especial; porém, antes mesmo de atuar como tal, me aposentei, não tendo tido qualquer experiência a relatar a respeito. Não participei de Comissão de Concurso.

12) Se atuou fora da carreira, fale sobre a sua experiência.

Nunca atuei fora da carreira.

13) Como foi a aproximação da aposentadoria, e depois dela.

Já estava preparado para a aposentadoria, motivo porque não tive qualquer trauma. Depois da aposentadoria nunca mais trabalhei e só me interessei por filosofia, especificamente, a de Baruch de Espinosa; porém, sem nenhuma formação filosófica, li e continuo lendo, como simples diletante. Sendo sua filosofia dedicada à metafísica e, portanto, de difícil --- ou quase impossível --- a leitura de suas obras, em especial “A Ética”, foi feita mercê de leitura do alentado trabalho de Marilena de Souza Chauí, intitulado A Nervura do Real, com o subtítulo, Imanência e Liberdade em